

A CONJUNTURA POLITICA E SOCIAL NA ARGENTINA (1955 – 1973) E O RETORNO DE PERÓN

Francisco de Assis Carneiro Filho¹

RESUMO

Analisar o contexto político e social na Argentina entre os anos de 1955 e 1973 é de suma importância para que possamos entender como se deu à conjuntura política e social que favoreceu o retorno de Juan Domingo Perón à presidência, após ter sido deposto por um golpe militar no ano de 1955. Entender as manifestações encabeçadas, principalmente, pela juventude, denominada de “juventude peronista” e pelos grupos de guerrilhas pró-peronista que surgiram na segunda metade dos anos 60 e início dos anos 70, configuram dentre os objetivos deste artigo, uma vez que, foram estes, dentre todos os movimentos pró-peronista, que favoreceram, de forma mais direta, o retorno de Perón ao ápice do poder político na Argentina.

Palavras - chave: Argentina, Perón, juventude peronista, classe operária.

INTRODUÇÃO

Juan Domingo Perón é destituído da presidência da Argentina, através de um golpe desfechado pelos militares, tendo como figura central o General Eduardo Lonardi, no dia 16 de setembro de 1955. Após este acontecimento a Argentina enfrentaria nos anos posteriores uma série de crises que se refletia, principalmente na política.

Nos anos de 1955 a 1973 a Argentina passou pelas mãos de vários presidentes dentre eles o General Pedro Eugenio Aramburu (1955-1958), Arturo Frondize (1958-1962), Arturo Illía (1963-1966), General Juan Carlos Organía (1966-1970), general Roberto Levingston (1970-1971), general Alejandro Lanusse (1971-1973) e por último Hector Cámpora, este venceu as eleições realizadas em 73, com o *slogan* “Cámpora no governo, Perón no poder”¹. E foi justamente o que aconteceu. Quando Cámpora assumiu

¹ O autor é aluno do curso de História na Universidade Federal do Ceará.

a presidência, depois de 79 dias de governo, este renuncia abrindo caminho para a vitória do novo binômio: Perón-Isabel Perón.

Com isso podemos perceber o quão instável foi a política na Argentina após a deposição de Perón do poder em 1955. Esta instabilidade, evidenciada pela incapacidade dos governantes, composto em sua maioria por militares, é que favorecerão o surgimento dos movimentos juvenis, formados por jovens de diferentes classes, organizados, geralmente, em movimentos de guerrilhas; as greves desencadeadas pela classe dos trabalhadores, que se sentiam, constantemente, fora das decisões políticas e sendo prejudicados pelas medidas adotadas pelos governos como aumento da carga tributária, achatamentos salariais, etc. Tudo isso conjugado, favorecerá o caminho de Perón rumo à volta à presidência da Argentina.

A partir da análise de livros, de artigos, dos discursos de Perón, estes direcionados, principalmente, a juventude pró-peronista e de sites que tratam do assunto, este artigo foi confeccionado.

A CONJUNTURA POLITICA APÓS A DEPOSIÇÃO DE PERÓN

Perón foi destituído do poder no ano de 1955, após sofrer um golpe militar, encabeçado pelo General Lonardi, que para os militares foi tido como a “Revolução Argentina²”. “Nem vencedores nem vencidos³”, foi o lema com que o general pretendeu restabelecer a democracia liberal na Argentina, porém a realidade foi bastante diferente daquilo que havia sido previsto. Algumas medidas adotadas pelo novo governo como a dissolução do congresso nacional, demissão de magistrados, instituição do recesso no Poder Judiciário e perseguição dos antigos adeptos do peronismo, marcaria o mandato do primeiro governante após a deposição de Perón.

O presidente Lonardi renúncia em 1955 após não aceitar a solução dos militares de se criar uma junta militar, para proceder ao governo. Esta junta foi proposta por causas dos acontecimentos que já estavam fugindo ao controle dos militares como a intensificação das perseguições aos membros do partido peronista e também pelo fato de o Ministro do Exército ter renunciado ao posto por não concordar com o que vinha ocorrendo em relação aos remanescentes do partido de Perón.

Para assumir o posto deixado pelo presidente assume o poder o general Pedro Eugênio Aramburu. Foi durante o seu governo que se criou a Comissão Nacional de Investigação, a partir daí é intensificada a chamada “desperonização”, isto é, a perseguição a todos que simpatizavam com as idéias de Perón. No plano político-administrativo, Aramburu iniciou uma política de desestatização e de favorecimentos aos interesses privados. Nas forças armadas surgiram descontentamentos, o que se refletiu em uma insurreição da guarnição de La Plata em 1956, a reação do presidente foi de sufocar a insurreição e de decretar pena de morte para alguns dos revoltados. Este fato marcou de forma negativa o seu governo, pois há muito tempo não se decretava pena de morte com fuzilamento por motivos políticos. Porém pouco a pouco o governo restabeleceu algumas liberdades fundamentais fazendo, por exemplo, concessões para a atuação de partidos tradicionais como o partido comunista.

Em 1958, foram realizadas eleições, nas quais foi eleito o presidente civil Arturo Frondizi, membro da UCR (união Cívica Radical) intransigente.

Durante o processo eleitoral que elegeu Frondizi, o peronismo estava proibido na Argentina. Por este motivo, firmou um acordo escrito com Juan Domingo Perón comprometendo a anular as leis de proibição ao partido justicialista ao passo que Perón deveria indicar a seus seguidores que votassem em sua candidatura⁵.

A política adotada por Frondizi foi de desnacionalização da economia com o incentivo aos investimentos de capitais estrangeiros, favoreceu a iniciativa privada em setores de responsabilidade estatais, a partir de uma lei aprovada em 1958. Isto concorreu para que em 1962, sendo taxado de antinacionalista, em virtude das concessões dadas ao capital estrangeiro e de empréstimos junto ao Banco Mundial e também taxado de antipopular, ele fosse deposto através de mais um Golpe Militar.

Em seguida assume o poder Arturo Illía (1963-1966) da UCR (União Cívica Radical) do povo⁶. Sua primeira medida foi tentar restabelecer o monopólio estatal sobre a exploração de petróleo, anulando as concessões, feita as companhias estrangeiras. Porém a crise porque passava a Argentina, principalmente no âmbito econômico, se refletia em quase meio milhão de desempregados. O descontentamento das forças armadas com as medidas adotadas pelo governo contribuiu para a justificação de mais um Golpe Militar que destituiu Illía e levou ao poder o General Juan Carlos Organía.

“Se com a ditadura peronista a classe operária não foi ao paraíso, com a ditadura militar seguramente ela alcançou o martírio”. Com esta constatação Oscar Aquino mostra de maneira resumida a situação da classe operária nos anos de Ditadura Militar.

As medidas adotadas no governo de Organía, pelo seu Ministro da Economia, *“baseava-se em um monetarismo rígido expresso em medidas como a desvalorização do peso argentino, a redução dos investimentos públicos e a supressão de diversas atividades produtivas”*. Quem sofria as conseqüências de todas essas medidas era o povo, pois o número de desemprego só fazia aumentar em virtude da extinção das fontes de trabalho, sobretudo no interior.

A reação do povo veio através da resistência armada dos jovens oriundos, das pequenas camadas burguesas que estavam passando por um processo de proletarização. Estes se organizavam clandestinamente sob diversos nomes, que serão analisados posteriormente. Segundo Oscar Aquino, *“a atividade guerrilheira era um foco de preocupação tanto para os militares argentinos como para o governo norte-americano, pois temiam que o processo revolucionário conduzisse a caminho capitalista não-capitalista, como ocorreu em Cuba”*⁷.

Com o aprofundamento da crise econômica desencadeado no governo de Organía, e o descontentamento das forças armadas, outro golpe foi aplicado, derrubando o governo e colocando os Generais Roberto Levington (1970- 1971) e Alejandro Lanusse (1971-1973). No governo de Lanusse, houve certa liberalização política, com a reativação de partidos políticos. Foi durante seu governo que se definiu data para eleições livres, que ocorreriam em 1973.

Durante o período em que Lanusse esteve no poder, continuou a instabilidade política e social, que se refletia em uma inflação incontrolável, um alto custo de vida e a diminuição real dos salários, estes fatores contribuíam para se gerar tensão social e alimentar ações de guerrilhas descontentes com a instabilidade não só política com também social.

Realizadas as eleições no ano de 1973, é eleito o candidato civil Héctor Cámpora, ex-secretário de Perón, e criador da fórmula: *“Cámpora no governo, Perón no*

Poder”. E foi justamente o que aconteceu, depois de 72 dias de mandato, Cámpora renuncia da presidência e novas eleições são marcadas onde, o binômio Perón-Isabel Perón saem vencedores.

Este foi o contexto político porque passou a Argentina nos anos de 1955 a 1973. Porém alguns questionamentos devem ser feitos: como que a ação de grupos guerrilheiros, da juventude peronista, da classe operária, favorece ao retorno de Perón ao poder? Como agiam estes grupos dentro de suas especificidades? São estas as questões analisadas nos próximos tópicos.

FORMAÇÃO DE GRUPOS GUERILHEIROS PRÓ-PERONISTAS.

Logo após a destituição de Perón em 1955, são formados grupos de resistências contra o regime militar que estava se instalando, dentre estes, o primeiro grupo a realizar uma ação contra o novo regime foi o liderado por Montoneros, este grupo era constituído em sua maioria por jovens, adeptos da idéia de se fazer uma nova revolução socialista e que teria como líder Juan Domingo Perón. A primeira ação deste grupo guerrilheiro, ou de resistência, talvez esta seja a designação mais adequada, e sua primeira aparição pública foi em 1970, através do seqüestro do General Aramburu. Este, depois do seqüestro, foi julgado pelo grupo de Montoneros, e acusado de traição à pátria foi condenado à morte por fuzilamento. Este acontecimento foi destaque nacional por vários dias.

No período em que se acirrou o regime e paralels a estas ações, novos grupos surgiram no inicio da segunda metade da década de 60 e inicio dos anos 70, todos tendo em comum a idéia de Perón como sendo o líder de uma possível revolução socialista. Dentre estes grupos se destacam: *As Fuerzas Armadas Revolucionárias* (FAR), 1966; as *Fuerzas armadas Peronistas* (FAP), 1968 e *Montoneros* 1970.⁸ De acorde com Alberto Romero, “os Montoneros, particularmente, tiveram uma enorme capacidade de combinar a ação clandestina com o trabalho da superfície, que realizara por meio da juventude peronista”.⁹

As FARs eram formadas por jovens marxistas afastados da esquerda tradicional do peronismo. Essa esquerda tradicional primava pela volta de Perón ao poder, porém, não aceitavam a idéia de um socialismo na Argentina, isto é, queriam o

retorno de Perón nos moldes de sua administração anterior. Já as FARs viam em Perón o líder de um movimento social, uma vez que suas idéias eram influenciadas pelo marxismo e pelas idéias de um dos líderes da revolução cubana, Che Guevara. As FAPs foram criadas como braço armado do movimento, diretamente dentro do peronismo, primeiramente surgiu com o nome chamado de *17 de Octubre*¹⁰, que se tornou conhecido pelo local onde se instalou para realizar suas ações, *Taco Ralo*.

A JUVENTUDE PERONISTA

A ação política da juventude peronista coincide, em muitos aspectos com as ações do grupo liderado por Montoneros. Sua origem e seus membros têm inclusive origens comuns.

A oposição ao regime militar atraía para grupos como estes vários jovens, oriundos de várias classes, principalmente durante os anos 60. Estudantes, trabalhadores, todos em luta contra a repressão, desencadeada pelo regime. O que unia estes jovens era a seguinte idéia, se Perón retornasse ao poder haveria uma real possibilidade de se instalar um regime socialista dentro da Argentina. Dentre todos os possíveis ideais as quais estes jovens traziam em suas mentalidades, a idéia de se aplicar um regime socialista, ou pelo menos, um regime no qual fosse contra todas as idéias que dominavam o poder naquele período, fosse o motivo pelos quais vários jovens deram suas vidas para o retorno de Perón ao poder.

Nesse sentido, os anos 60 representaram uma nova redefinição do peronismo. A nova esquerda que estava surgindo, com novos ideais, diferente daquela esquerda tradicional que via Perón com os mesmos significados de quando ele estava no poder, o redefiniu. Ele não só passou a ser aceito, como também reconhecido como o líder da revolução que eles mesmos pregavam e que Perón, no seu exílio na Espanha, lhes dava todo apoio, o que podemos perceber através de um dos seus discursos inflamatórios, como este dirigido à juventude peronista: “[...] *la resistencia por todos os medios, en todo momento y lugar, debe ser la norma. [...] La salida violenta es, pues, la única salida. [...] se a cabaron las contemplaciones. Hay que comenzar la guerra integral por todos los medios, en todo lugar y en todo momento [...] los jovens deben poner el impulso*”.¹¹

A juventude Peronista¹² e o grupo de Motoneros remontaram ao passado para romper com o discurso oficial do peronismo mais ortodoxo, para se fazer uma nova re-elaboração de Perón dentro do contexto em que fundamentavam suas idéias. Tal vez do peronismo ortodoxo só se conservou a idéia de Perón dentro dos moldes populista.

A ação destes jovens se dava através de discursos, contra as ações dos grupos da situação, em jornais, principalmente com incentivos a realizações de greves, por parte dos trabalhadores de fábricas e outro setores da produção. A situação de extremo descaso para com os trabalhadores, era um fator importante para que estes também aderissem às manifestações, como a ocorrida em Córdoba no ano de 1969, encabeçada por estudantes e trabalhadores e que ficou conhecido como “*El Cordobazo*” e a morte do líder sindical de direita, Vandor. Este era um típico representante da burocracia peronista, tinha sido o principal líder sindical integracionista (peronismo sem-Perón), ele exercia poderosa influência, mas também, dentro do peronismo, era julgado negativamente por todos que se alinhavam a Perón. Em 30 de junho de 1969 teve sua morte, causada por grupos peronistas, contrários à burocracia sindical e ao peronismo sem-Perón.

O peronismo sem-Perón foi uma ala da direita que não aceitava Perón de volta ao poder, porém simpatizavam com suas idéias. Esta ala surgiu logo depois da deposição de Perón, através de uma divisão entre os peronistas, isto é, aqueles que queriam a volta do peronismo com Perón no comando e os que queriam o peronismo, mas, sem Perón no poder.

A violência com que os governos eram protestados, principalmente pelo fato de não conseguirem reverter o quadro político e econômico, denunciavam, também, que a fórmula das elites não mais convencia nem mesmo aos setores das sociedades que partilhavam dela. E, quem sofria os efeitos desta crise, eram os setores da classe média da sociedade argentina, uma vez que, os seus salários eram constantemente achatados, enquanto que o nível de vida aumentava. Isto levou os trabalhadores a reagirem fazendo greves e atacando com discursos fervorosos os governos. Segundo Carlos Etulain, “esse é um momento importante da história argentina, porque mostra em que medida o governo que restringe os setores populares por via econômica e, mesmo, reprime suas forças políticas, deprecia-se”.

Em 1971, Levingston é substituído por Lanusse. Durante seu governo a violência dos grupos armados aumentou, ajudados de certa forma, pela crise porque vinha passando as Forças Armadas. Estas desnorteadas, primeiro, de tanto se colocarem como instrumento de correção e de intervenção na vida política e cível e segundo, sem saber o que fazer para deter os movimentos peronistas que não cessava de crescer. Assim dentro do próprio seio militar começou a ganhar vulto à idéia de que ceder às reivindicações, manifestadas pela “Juventude Peronista”, pelas Forças guerrilheiras e pelas classes trabalhadoras, para o retorno de Perón era a solução mais viável naquele momento.

Com o desgaste que vinham sofrendo os integracionistas (aqueles que defendiam a idéia do peronismo sem Perón), o seu retorno era uma realidade cada vez mais presente dentro dos grupos que apoiavam o seu regresso.

Os integracionistas observando a situação porque vinham passando, passaram a apoiar o retorno de Perón, este que nunca fez oposição ferrenha ao movimento, pois com sua habilidade política, acabava agradando a “gregos e troianos”, pois desta maneira quando chegasse ao poder seria mais fácil apaziguar, melhor dizendo equilibrar os extremos, isto prova o fato de que durante a viagem de volta à Argentina, existiam dentro do avião mais integracionistas (burocratas e antigos peronistas) do que líderes populares e jovens militantes, sendo que estes últimos foram os responsáveis diretos para o seu retorno.

Em 1973 são realizadas eleições diretas saindo vencedor o candidato, apoiado pelo peronismo, Hector Cámpora, que depois de 72 dias de governo renuncia e novas eleições são realizadas, desta vez com a participação de Perón que as vence, agora com o binômio Perón-Isabel Perón.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação da juventude dita peronista no processo que favoreceu o retorno de Perón à política na Argentina em 1973 é explicada pelo, primeiro, eles viam em Perón, uma espécie de líder da uma revolução nos moldes socialistas. Ora, naquele período estes jovens estavam impregnados pelas idéias marxistas, mas para tornar concretas estas idéias era necessário um líder que tivesse amplo reconhecimento, ou melhor,

ampla popularidade, principalmente com as classes trabalhadores, para liderar uma possível revolução.

Perón apesar de sua ampla popularidade, não pode ser considerado um defensor das idéias socialistas, mas sim um político integrado ao populismo, formas de governo que mantêm uma política de beneficiamento das classes operárias, mas que ao mesmo tempo pode estar integrado ao sistema político capitalista.

Para resolver esta questão, foi necessário reinterpretar o pensamento peronista, adequando-o desta maneira aos novos pensamentos e sentimentos em voga naquele período, que eram defendidos pela juventude.

O contexto político Argentino favorecia para que a cada momento centenas de jovens se integrassem nesses movimentos, com o pensamento de que o retorno de Perón seria salvação da sociedade argentina. O próprio Perón, em seu exílio na Espanha, insuflava estes movimentos, através de discursos fervorosos dirigidos à juventude, para que lutassem, pois, o momento de conseguir os pressupostos para um novo formato político e social, era este.

Também não é menos importante a atuação da classe operária, pois com a saída de Perón, se viram cada vez mais, destituídos das benesses conseguidas durante o primeiro governo de Perón. A nova conjuntura política instituída com a saída de Perón em 1955 deixou à margem a causa trabalhista, passando a preocupar-se com problemas mais específicos no âmbito político e econômico, deixando para segundo plano o social. O movimento desencadeado em Córdoba que ficou conhecido como “*El Cordobazo*” é um exemplo dentre as formas encontradas pelas classes trabalhadoras para conseguirem expor seus problemas e também uma forma de protestar com aquela forma de governo.

Então, esta combinação das aspirações das classes trabalhadoras com os movimentos desencadeados pela juventude cognominada de “Juventude Peronista”¹² valendo ressaltar que este setor foi o que mais favoreceu para o retorno de Perón, também apoiados por alguns setores da indústria que via em Perón um intermediador destes com a classe trabalhista, sendo observado também a posição de alguns membros do partido conservador que viam Perón como o único membro capaz de apaziguar os ânimos políticos daqueles que mais lutavam por seu retorno, e favorecidos pelo

contexto econômico e político da época, refletido na sucessão constante de presidentes, foram os principais fatores que deram a Juan Domingo Perón a oportunidade de retornar ao ápice político na Argentina, mesmo que por pouco tempo, uma vez que este vem a falecer em 1973.

NOTAS

¹ ROMERO, Luis Alberto. *História Contemporânea da Argentina*. Trad.: Edmilson Barreiros. Editora: Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 2005.

² OSCAR, Aquino. A Argentina e o Peronismo. IN: *História das Sociedades Americanas*. São Paulo: Ao Livro Técnico, 1990. p. 368-387.

³ Idem, op. Cit, p. 368-387.

⁴ AUCR Intransigente surgiu a partir da dissociação da UCR (União Cívica Radical), partido este criado pela novas classes emergentes, isto é, pequena burguesia e proletariado, estes por sua vez dissociados da oligarquias argentinas.

⁵ Site: [HTTP://www.wikipedia.org/](http://www.wikipedia.org/)

⁶ A outra vertente da dissociação da UCR

⁷ OSCAR, Aquino. A Argentina e o Peronismo. IN: *História das Sociedades Americanas*. São Paulo: Ao Livro Técnico, 1990. p. 368-387.

⁸ ETULIAN, Carlos. Juventude, política e Peronismo nos anos 60 e 70. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, EDUFSC, n. 40, p. 317-337, Outubro de 2006.

⁹ ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. Trad.: Edmundo Barreiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,, 2005. p.186.

¹⁰ O 17 de Outubro foi um ocorrido em 1945 na Plaza de Mayo a favor da candidatura de Perón a presidência da Argentina. Site: [HTTP://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_0_20/rbcs20_07.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_0_20/rbcs20_07.htm)

¹¹ Informação verbal, apud BASCHETTI, 1988. P.70. *IN*: Etulian, Carlos. Juventude, Política e Peronismo nos anos 60 e 70. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, EDUFSC, n. 40, p. 317-337, Outubro de 2006.

¹² Segundo Carlos R. Etulian, este foi um dos movimentos que mais contribuiu para o retorno de Perón ao poder uma vez que suas manifestações eram insufladas pelo próprio Perón.

